

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Stéfany De Oliveira Teixeira

O SINCRETISMO DA UMBANDA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Robert Daibert Jr.

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Stéfany De Oliveira Teixeira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201873055A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O SINCRETISMO DA UMBANDA**, desenvolvido durante o período de trinta de agosto de 2022 a doze de dezembro de 2022 sob a orientação de Robert Daibert Jr., ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

STÉFANY DE OLIVEIRA TEIXEIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O SINCRETISMO DA UMBANDA

Stéfany de Oliveira Teixeira¹

RESUMO

A Umbanda é uma religião afro-brasileira, que une elementos religiosos do catolicismo, candomblé, tradições indígenas e kardecismo para se formar, ela é considerada uma religião sincrética por isso. Ela também aceita todas as pessoas, sem distinção de classe, raça e gênero, estejam eles vivos ou mortos. Tem o trabalho caritativo e a evolução espiritual como principais finalidades. O presente trabalho tem como finalidade analisar o sincretismo que dá origem a Umbanda, perpassando pela definição de sincretismo, os elementos religiosos apropriados por ela por conta desse sincretismo, através da pesquisa bibliográfica, consultando diversos autores, artigos e livros, como fontes para o estudo. A Umbanda tem constantes transformações e adaptações em razão desse sincretismo, o que faz com que ela hoje se una a elementos religiosos de outras religiões, como budismo e algumas outras religiões asiáticas e também a elementos religiosos esotéricos, produzindo diversas correntes, entretanto tendo como principais: a Umbanda Sagrada, Umbanda Esotérica e a Umbanda Cruzada.

PALAVRAS-CHAVE: Sincretismo. Umbanda. Religião Afro-Brasileira.

1. INTRODUÇÃO

A Umbanda é uma religião que está no campo religioso afro-brasileiro, e por ter muita diversidade e complexidade, é difícil examinar suas origens, que nasce a partir da junção de elementos religiosos vindo do Candomblé, tradições indígenas, catolicismo e kardecismo (VIEIRA FILHO, 2007). O kardecismo ajuda na compilação da umbanda com a teoria da evolução espiritual, os orixás, o Deus único e as outras entidades são organizados em continuidade, do mais evoluído para o menos, e as práticas mágicas foram assimiladas, mas apenas as parte consideradas boas, que não correspondiam ao atraso espiritual e por fim adotaram o modelo de trabalho caritativo kardecista como finalidade da Umbanda (VIEIRA FILHO, 2007). Os orixás e as entidades são categorizadas entre os pólos: da esquerda/das trevas, onde ficam as entidades menos evoluídas, e o da direita/da luz, onde ficam as entidades mais evoluídas e os orixás, por exemplo, os Oguns, Caboclos, Preto-velhos, Erês, baianos, boiadeiros, marinheiros estão no polo da direita, os ciganos estão no ponto de transição do polo da luz para as trevas e podem aparecer tanto em trabalhos para a luz quanto para as trevas, enquanto que os exus e pombagiras estão no pólo esquerdo (VIEIRA FILHO, 2007). Entretanto Exu, na umbanda vai sofrer uma ressignificação deixando de ser orixá e tornando-se os exus, que são inferiores aos orixás e vistos como entidades. Isso tudo por conta do sincretismo com os santos católicos, onde os missionários católicos viram Exu como o Diabo, e com isso ele ganha vários lacaiois (VIEIRA FILHO, 2007). Na Umbanda existe a ética de merecimento, onde os pedidos a uma entidade deve ser feito porque o consulente merece e a demanda, que é um ataque/contra ataque, com objetivo de desfazer algum trabalho maligno que o consulente acredita que foi feito contra ele (VIEIRA FILHO, 2007).

Utilizaremos neste trabalho a pesquisa bibliográfica, pois esse trabalho é desenvolvido “a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.” (SILVA; MENEZES, 2005)

No primeiro momento deste trabalho esclarecemos a definição de sincretismo através de alguns leitores que conceituam o que é sincretismo. Depois partimos para a discussão acerca da origem da Umbanda, com a apresentação de diversos autores que pesquisaram sobre isso. A partir do capítulo 3 e 4 deste trabalho, expomos os elementos religiosos do kardecismo, catolicismo, Candomblé e tradições indígenas, que são apropriados pela Umbanda para a sua formação. No capítulo final, damos um panorama geral da Umbanda hoje e exemplificamos suas três grandes correntes: a Umbanda Sagrada, a Umbanda Esotérica e a Umbanda Cruzada.

2. SINCRETISMO

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: stefanyoliveira.teixeira@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Robert Daibert Jr.

Não há atualmente uma definição universalmente aceita sobre o que é sincretismo religioso entre os pesquisadores e com isso há diversos entendimentos sobre o conceito de sincretismo religioso (COSTA, 2013). “Nesse sentido, diversos paradigmas adotados, sob a perspectiva antropológica, ao longo do tempo, cada qual por meio de seus representantes apresentaram suas respectivas concepções e denominações acerca desse fenômeno.”(COSTA, 2013, p.39)

Para Arthur Ramos o sincretismo religioso seria como “como uma simbiose, uma mistura do resultado de diferentes cultos, que se fundem ao entrar em contato, onde as formas míticas mais adiantadas absorvem as mais atrasadas.” (RAMOS, 2001 apud COSTA, 2013, p.39). Em conjunto com Ramos, Waldemar Valente (1976 apud COSTA, 2013, p. 39) pensa no sincretismo como uma mistura dos componentes vindos dos encontros culturais e religiosos e como consequência tem a criação de uma nova cultura “formada pelas características das culturas que a gerou, podendo porém, essa nova cultura apresentar em maior ou menor escala características das culturas anteriores das quais se originou.” (VALENTE, 1976, apud COSTA, 2013, p.39).

De acordo com Volney Berkenbrock (2012, p.133-134), o sincretismo “ocorre de forma processual e dinâmica, passando de uma situação do “um ao lado do outro” para uma situação de “um junto com o outro””. Ele segue o esquema de que há quatro etapas para o encontro de duas ou mais religiões: acomodação, assimilação, transformação e mistura/sincretismo, e no Brasil as religiões vindas de África chegam na quarta etapa, onde não há mais a mistura, pois ela já ocorreu de tal forma que tem somente o resultado dessa mistura. Segundo o autor supracitado, analisando o sincretismo deve-se olhar não pela origem do elemento religioso assimilado e sim pelo objetivo dele, pois olhando a partir da origem, parece ser apenas uma bagunça de elementos, entretanto ao olhar pelo objetivo, ele tem uma lógica muito crível (BERKENBROCK, 2012, p.135). Conforme o autor:

Talvez fosse melhor que não se falasse simplesmente em processo de sincretismo, mas em processos de sincretismo. São processos que podem ser observados em dois níveis. O primeiro é o que se pode chamar de horizontal, isto é, o processo de sincretismo ocorrido entre não apenas duas religiões, mas muitas interpretações teológicas distintas, cuja evolução do “um ao lado do outro” para o “um junto com o outro” deu-se de formas diversas. Neste processo como um todo participaram diferentes religiões africanas, tradições religiosas indígenas, o cristianismo de matriz católico e, mais tarde, tanto o espiritismo como a teosofia e outras correntes religiosas mais recentes. O sincretismo entre as diversas religiões africanas que começaram já na África, antes de os escravos terem sido trazidos ao Brasil, teve continuidade nestas terras. Este é um dos motivos para se entender por que este sincretismo atingiu uma maior profundidade que o ocorrido entre as religiões africanas e o cristianismo. Em segundo lugar, podemos falar em um corte vertical no processo de sincretismo, ou seja, houve uma evolução diferente nos diversos grupos e regiões. Quanto mais fechado a contatos foi um determinado grupo, menos foi ele atingido pelo processo de sincretismo e vice-versa. Os grupos que se abriram, e por exemplo receberam com mais facilidade novos membros, foram mais influenciados pelo sincretismo. Em diversos aspectos da Umbanda (que se abriu mais) e do Candomblé (que permaneceu mais fechado) pode ser notada esta diferença. As diferenças regionais no processo do sincretismo devem-se também ao fato da diferente concentração de escravos de uma determinada nação. Tendo alguma região um maior número de escravos procedentes de uma determinada nação africana, a tradição religiosa desta nação prevaleceu sobre as outras. Na verdade, cada grupo elaborou a sua própria síntese sincrética. (BERKENBROCK, 2012, P.134-135)

Como dito anteriormente, não há um consenso geral sobre o que é sincretismo, porém há diversos autores que definem o que ele é. Neste trabalho definiremos sincretismo como a fusão de elementos religiosos que concebem uma nova religião, próxima a definição de Waldemar Valente.

2. ORIGEM

A Umbanda é uma religião afro-brasileira, ela nasce no Brasil com a união de elementos religiosos do Catolicismo, Kardecismo, Candomblecismo e das tradições indígenas, e apesar disso, ela está em uma constante transformação com seus elementos religiosos. Não se sabe ao certo quando e onde ocorre o marco inicial da origem da Umbanda, mas diversos autores fazem apontamentos sobre essa possível origem.

Diana Brown, por exemplo, fala que a Umbanda tem a sua constituição próximo a década de 1920:

Considero que a fundação da Umbanda ocorreu no Rio de Janeiro em meados da década de 1920, por iniciativa de um grupo de kardecistas de classe média que começaram a incorporar tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas. Os primórdios da Umbanda, contudo, implicam muito mais do que a simples ocorrência de um sincretismo entre elementos dessas duas tradições. [...] A importância da Umbanda reside no fato de que, num momento histórico particular, membros da classe média voltaram-se para as religiões afro-brasileiras como uma forma de expressar seus próprios interesses de classe, suas idéias sociais e políticas e seus valores. [...] Eu relacionei os primórdios da Umbanda, mais especificamente às atividades de uma pessoa em particular, Zélio de Moraes, que no relato de sua doença, de sua posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero como um mito de origem da Umbanda. (BROWN 1985, p. 9-10 apud DIAS, 2011, p. 36)

Prandi (1998, p.152) sobre a origem da umbanda, diz que ela vai ser constituída no primeiro quartel do século XX, primeiramente no Rio de Janeiro e depois em São Paulo e assim espalhando-se por todo o Brasil, ajudando também na divulgação do antigo candomblé. “Reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, resultante do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas, ao contrário das religiões negras tradicionais, que se constituíram como religiões de grupos negros, a umbanda já surgiu como religião universal, isto é, dirigida a todos.” (PRANDI, 1998, p.152), mas para se validar, ela fez o apagamento dos traços recebidos do candomblé ligados aos “modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava.” (PRANDI, 1998, p.152).

Segundo Renato Ortiz (1991), a Umbanda tem a sua constituição por conta das transformações que estão acontecendo na sociedade brasileira:

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global da sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam. Não se trata portanto de reencontrar o seu foco de irradiação (onde e quando a palavra Umbanda aparece pela primeira vez, tarefa que se revela aliás inútil), mas de compreender como um movimento de desagregação das antigas tradições brasileiras pode ser canalizado para formar uma nova modalidade religiosa. (ORTIZ, 1991, p.32)

Outro autor que também discute sobre o debate a respeito da origem da Umbanda é Lísias Nogueira Negrão. Através de suas pesquisas, ele questiona a tese de que a Umbanda teria se originado no Rio de Janeiro e a partir disso, ter se espalhado pelo Brasil (DIAS, 2013, p.37-38). Com a pesquisa, percebe que já existiam terreiros de Umbanda em São Paulo, antes da década de 1920 e que há uma certa diferenciação entre a Umbanda institucionalizada e a Umbanda que é realmente praticada nos terreiros e com isso conclui que “o surgimento da umbanda baseadas no mito originário centrado na figura de Zélio de Moraes devem ser válidas apenas para o caso da umbanda “federativa”, ou seja, o movimento organizado e institucionalizante de unificação doutrinária da religião.” (DIAS, 2013, p.37-38).

Já o autor Vagner Gonçalves da Silva (2000, p.106), concordará com Brown em relação à origem, entretanto, para ele a Umbanda não começará em apenas um lugar e complementa dizendo que já havia elementos dos moldes da Umbanda na cultura religiosa:

A umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa "mistura", com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o status de uma nova religião. Mesmo antes, porém, de

adquirir um contorno mais definido, muitos elementos formadores da umbanda já estavam presentes no universo religioso popular do final do século XIX, sobretudo nas práticas bantos. Na cabula, por exemplo, como vimos, o chefe do culto era chamado de embanda - possível origem do nome da religião que se formou pela ação desses líderes ou se confundiu com suas práticas. Cargos e elementos litúrgicos da cabula também preservaram-se na umbanda, como o de cambone, auxiliar do chefe do culto, ou a enba (ou pempa), pó sagrado usado para "limpar" o ambiente dos rituais. Também na macumba o termo umbanda designava o chefe do culto e uma de suas linhas mais fortes (cf. Ramos, 1940, p. 121, 179). Embora faltem dados para reconstituir as diferenças existentes entre as linhas da macumba, é possível supor que pela sua popularidade a linha de umbanda tenha ganhado autonomia em relação às demais e passado a designar um culto à parte. As origens afro-brasileiras da umbanda remontam, assim, ao culto às entidades africanas, aos caboclos (espíritos ameríndios), aos santos do catolicismo popular e, finalmente, às outras entidades que a esse panteão foram sendo acrescentadas pela influência do kardecismo, como veremos adiante. Essa influência tornou-se ainda mais significativa especialmente depois da reordenação por que passou o heterogêneo universo da macumba, codificado e reinterpretado sob a inspiração da doutrina kardecista. (SILVA, 2000, p.106-107)

Assim como Vagner Silva, o autor José Henrique Motta de Oliveira (2007), propõe que a resposta mais aceita sobre a origem da Umbanda, a partir da visão antropológica, é que a Umbanda advém da Cabula, um culto sincrético do século XIX, que fazia a junção das práticas do povo banto com o catolicismo e kardecismo. Oliveira (2007, p.93) coloca que a Macumba era um aglomerado de componentes religiosos da Cabula, Candomblé, catolicismo e das tradições indígenas, sem o amparo de uma doutrina capaz de agregar esses elementos. É a partir disso que nasce a Umbanda, quando pessoas da classe média egressa do kardecismo e da classe mais pobre se encontram, tendo os egressos do kardecismo se apropriando da Macumba, determinando uma nova estrutura e emitindo um novo discurso para legitimar a Umbanda (OLIVEIRA, 2007, p.93). Entretanto é complicado ter precisão para dizer em que ponto começa a ter as entidades da Macumba nas sessões de espiritismo ou quando a Macumba passa a anexar em si, as ideias espiritistas (OLIVEIRA, 2007, p.106).

Outra autora que fala sobre o surgimento da Umbanda é Hulda Costa (2013), que em sua tese, apresenta o histórico religioso brasileiro anteriormente à chegada da Umbanda, perpassando os Calundus, Candomblés, Cabula e a Macumba. Sobre a Cabula, ela expõe que “era de caráter secreto, hermético, e apresentava um perfil extremamente revolucionário, porque, tinha como objetivo principal a luta armada pela libertação dos negros.” definida por um movimento sincretico e constante. Nela não havia a presença de templos ou um espaço fechado onde seus adeptos realizavam seus rituais, eles eram feitos em “altares improvisados ao pé de uma grande árvore e chamados de mesa.” (COSTA, 2013, p. 75-77).

De acordo com Costa (2013, p.80), “No início do século XX, a Macumba no Rio de Janeiro, era uma grande mistura, ou seja, uma religião altamente sincrética, pois além do sincretismo com os santos católicos, com os elementos kardecistas, e com os elementos indígenas, havia a presença da magia europeia [...]”, ela também conta com a presença de diversas nações africanizadas. Nela há o processo sincrético que teve nos Calundus e Cabula e que contribuiu na sua estruturação, porém, diferentemente deles, na Macumba há um maior agrupamento de elementos religiosos de diversas concepções religiosas, o que salienta um sincretismo constante, pretendido e engenhoso para conquistar adeptos (COSTA, 2013, p.82).

Assim a Macumba carioca se expande para São Paulo e Espírito Santo, e por ter uma diversidade ritualística, alcança extratos sociais também diversificados, tanto a alta sociedade quanto a sociedade marginalizada frequentam os terreiros de Macumba, e ela passa a ser vista como uma religião popular no Brasil, trazendo preocupações aos adeptos do candomblé, que acreditam que a popularização dela se deu através da perda dos ideias africanos (COSTA, 2013):

Com a ascensão da Umbanda, predominantemente a partir de 1930, que passa a refletir o pensamento e o sentimento da sociedade brasileira da época, que vivenciava um processo de reorganização política, econômica, social, religiosa e cultural, nesse momento histórico de sua ascensão, ocorre uma cisão no seio da Macumba, dividindo-a em dois segmentos ou correntes

doutrinárias. Uma parte vai se atrelar à Umbanda que havia se aproximado do Espiritismo Kardecista, representante da classe média branca.(COSTA, 2013, p. 84)

Com esses autores percebe-se que não há de fato um consenso entre a origem da Umbanda, ela pode ter surgido entre as décadas de 1920-1930, ou então ser fruto da contínua transformação da Macumba. Entretanto, como qualquer outra religião, a Umbanda possui um mito de origem que é amplamente divulgado por seus adeptos, sofrendo algumas alterações de autor para autor.

2.1. MITO DE ORIGEM

O mito de origem da Umbanda é contado a partir da figura de Zélio de Moraes, um jovem que aos 17 anos de idade, começa a demonstrar certos distúrbios, que acreditavam ser de ordem mental, e por isso é levado por sua família a um hospital psiquiátrico, lá não se descobre o que poderia estar causando esse distúrbio, então é levado a um padre, que também não consegue desvendar o que ele tinha, mas ao ser levado a uma benzedeira, descobre-se que Zélio tem o dom da mediunidade e ela aconselha-o para desenvolver esse dom a partir do trabalho caritativo (OLIVEIRA, 2007).

A partir deste momento, um amigo da família sugere levá-lo à Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de novembro de 1908 e é convidado a participar de uma sessão, nela Zélio de Moraes, indo contra as normas, levanta e pega uma rosa branca para colocar na mesa e depois incorpora uma entidade, assim como os outros médiuns presentes, mas ao perceber que as entidades incorporadas estavam sendo preto-velhos e caboclos, o dirigente da mesa pede que eles se retirem, por serem considerados entidades atrasadas, assim a entidade incorporada por Zélio, questiona o motivo deles não serem permitidos naquela sessão e depois de respondido anuncia (OLIVEIRA, 2007):

(...) se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim. (GUIMARÃES; GARCIA, 2002 apud OLIVEIRA, 2007, p.107)

Deste modo, no dia seguinte na casa de Zélio, estavam presentes diversas pessoas para a anunciação da nova religião (OLIVEIRA, 2007). “Às 20 horas, o caboclo se manifestou no corpo de Zélio de Moraes e disse que naquele momento iniciava-se um novo culto, no qual os espíritos de africanos e de índios poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados e disse, também, que a nova religião se chamaria Umbanda.” (OLIVEIRA, 2007, p.107-108)

Assim é contado o mito de anunciação da Umbanda, entretanto de acordo com Oliveira (2007, p.108-109), não há como provar realmente que foi Zélio de Moraes que fundou a religião da Umbanda, já que os dados sobre o acontecimento não foram confirmados e eles apresentam diversas divergências, como por exemplo, apontar que Zélio foi convidado pelo presidente da Federação Espírita de Niterói, José de Souza, mas na época, o cargo era do Eugênio Olímpio de Souza, ou então que não seria possível Zélio pegar uma flor para pôr na mesa, já que até então a Federação não tinha uma sede, e ocupava uma sala no centro de Niterói (OLIVEIRA, 2007). “Assim, somos levados a pensar que, se realmente o fato ocorreu, pode não ter ocorrido na Federação, mas talvez em algum centro espírita filiado a esta, cujo nome se perdeu ao longo da repetição desta tradição oral” (OLIVEIRA, 2007, p.110)

3. SINCRETISMO DA UMBANDA COM O KARDECISMO E O CATOLICISMO

3.1. KARDECISMO

O kardecismo nasce na França, através da decodificação de Hippolyte Léon Dezinard Rivail (1804–1869), conhecido como Allan Kardec. Passa a ser visto como uma doutrina com a publicação do livro: O Livros dos Espíritos, por Kardec, “Esse livro contém as bases da doutrina revelada pelos espíritos sob a

orientação dos espíritos superiores, em comunicações mediúnicas nas quais respondiam às perguntas formuladas por Kardec, que examinava as respostas com o auxílio dos espíritos por meio de uma médium, comparando-as e validando-as, para somente então aceitá-las.” (BORGE; DIVINO; BETARELLO, 2015, p.13).

O kardecismo é uma das religiões que a Umbanda apropria-se de seus elementos religiosos para se formar. Para José Oliveira (2007):

O Espiritismo, depois do Catolicismo, é a tradição de origem européia mais importante na formação da Umbanda, interferindo diretamente no discurso doutrinário. Os Livros de Allan Kardec são as referências literárias mais citadas quando se trata de explicar a origem dos conceitos fundamentais à prática religiosa como a reencarnação, a lei do “carma” e a evolução espiritual adquirida através da prática do amor ao próximo. Formalmente, a obra de Kardec contém, também, a matriz do tom racional e científico que permeia a retórica umbandista, mesmo quando as informações veiculadas baseiam-se exclusivamente na fé que o crente pode depositar. (OLIVEIRA, 2007, p.47)

Assim, acredita-se que “a vida transcorre num universo temporal e causal, no qual os indivíduos recebem de volta os resultados das próprias ações passadas.” (OLIVEIRA, 2007, p.48), através da caridade, que se tem as bênçãos, pois ela é a razão dessas bênçãos e o egoísmo é a razão dos males do mundo. Para alcançar a evolução espiritual e os planos superiores de existência é necessário o trabalho encarnado na terra, mediante o bem comum, através de constantes reencarnações. O livre arbítrio e a persistência “são peças-chaves no caminho da espiritualização da espécie humana. [...] Do ponto de vista religioso, o Espiritismo postula a existência de Deus. Entretanto, este Deus estaria inacessível aos homens dada a incomensurável distância que os separa.” (OLIVEIRA, 2007, p.48) e os espíritos que estão mais próximos e tem o objetivo de amparar os humanos, a fim de redimir seus pecados e aumentar seu grau de evolução espiritual (OLIVEIRA, 2007).

O kardecismo fornece a Umbanda um alicerce doutrinário que é capaz de vincular, em um novo arranjo, os costumes religiosos de antigos mitos e a fim de “justificar (domesticar) a permanência de determinados elementos materiais nos ritos recorreu-se a um “discurso científico”, no qual as noções de química e física coexistem com a astrologia, o ocultismo e a teosofia.” (OLIVEIRA, 2007, p.97-98). É também possível notar na estrutura organizacional da Umbanda, os elementos do Kardecismo:

As relações sociais nos terreiros de Umbanda são reguladas a partir de um regimento estatutário, registrado em cartório, onde encontramos a descrição de cargos administrativos, as funções dos membros filiados, as formas de ingresso, as normas de conduta e os direitos e deveres de cada “sócio”, como o pagamento de mensalidades para a manutenção da associação religiosa. As mesmas características das sociedades kardecistas são percebidas nesta forma de professar a Umbanda, não só no contexto organizacional do terreiro como também no fornecimento de serviços de assistência social aos pobres. Ubiratan Machado revela que a formação de sociedades beneficentes com a finalidade de divulgar a doutrina espírita era uma estratégia que remonta ao período do Império, quando qualquer sociedade religiosa precisava de autorização do responsável eclesiástico para funcionar. A alternativa para fugir ao crivo da Igreja era se apresentar como sociedades literárias, beneficentes ou científicas (OLIVEIRA, 2007, p.119)

Conforme Prandi (1998 p.156), a umbanda no início tenta se afastar da “tradição iniciática secreta e sacrificial”, baseando-se no Kardecismo, por ter conceitos e princípios da sociedade presente. Com isso adota a língua própria do Brasil, torna a iniciação mais fácil e exclui quase toda parte de sacrifício, ela também rompe “de certo modo com a concepção kardecista de mundo, que ensina que esta é mais uma terra de sofrimentos onde devemos ajustar contas por atos de nossas vidas anteriores.” (Prandi, 1998, p.156).

Já para Ângela Cristina Borges, Harlen Cardoso Divino e Jeferson Betarello (2015, p.27), a Umbanda pega “Do Kardecismo, a comunicação com os espíritos, que na Umbanda é a base da pirâmide das suas sete linhas, tendo os Orixás no comando de cada uma delas.” e valendo-se da lógica de kardecista de categorizar os espíritos no espaço por afinidade, justifica as falanges da Umbanda e formação de suas linhas com os orixás liderando cada uma, já que Deus está fora do mundo humano (BORGES; DIVINO; BETARELLO, 2015, p.27).

Cândido Procópio Camargo (1961, p. 51 apud OLIVEIRA, 2007, p.98) “avalia que quanto mais próximo do Kardecismo estiver a Umbanda, menor será a riqueza ritualística e a ênfase nas práticas mágicas, em virtude de uma ênfase maior na interiorização da experiência religiosa, no aprendizado doutrinário e na vida moral.”

Segundo Hulda Costa (2013, p.101) a Umbanda assimila do kardecismo a ideia da lei do carma e da evolução espiritual, “A utilização do passe magnético, das preces, e do transporte de obsessores. Ainda, a concepção e prática de doutrinação, e esclarecimento aos espíritos considerados não evoluídos, e do conceito de puro e impuro.”(COSTA, 2013, p.99), ela também assimila os princípios morais, políticos, científicos e progressistas dos kardecistas.

3.2. CATOLICISMO

O Catolicismo é uma das vertentes do cristianismo mais popular e significativa. Acredita no Deus único, onipotente, onipresente e onisciente, criador de todas as coisas e na Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, que compõem um só Deus e tem Jesus Cristo como o filho de Deus, aquele que veio à terra para salvar a humanidade dos pecado. Crê na vida após a morte e na existência do céu, inferno e purgatório, onde as ações em vida dos devotos definem para qual dos lugares eles irão após o juízo final e também acredita na mediação dos santos. Através dos sete sacramentos: batismo, confissão, eucaristia, crisma, ordem, matrimônio e a extrema-unção, os devotos validam sua crença, e a missa é o culto fundamental, onde soleniza a morte e ressurreição de Cristo e o milagre da transformação do pão e vinho no corpo e sangue de Jesus (SOUSA, s.d, online). Tem a Bíblia Sagrada como o livro mais importante e também onde está presente os evangelhos.

No Brasil, ele chega no período colonial através dos jesuítas, que tentavam evangelizar os indígenas e acaba passando por um sincretismo com as tradições indígenas e crença dos escravizados, passando a ser um catolicismo mais popular, mais mágico, era também usado como forma de controlar os escravizados, convertendo eles e dizendo que a escravização era uma forma de expiar os pecados. (OLIVEIRA, 2007).

O catolicismo é outra religião em que a Umbanda assimila seus elementos, assimila a ideia de um único deus Olorum/Oludumare (BORGES; DIVINO; BETARELLO, 2015, p.27). José Oliveira (2007, p.34) mostra que o ato católico de pedir intercessão dos santos a Deus em benefício aos devotos é igual ao de pedir aos orixás e entidades, que também são considerados mediadores dos adeptos em relação a Olorum. Com a crença dos africanos em vários santos católicos, há a instauração de um quadro de convergência com os orixás, eles passam a ter suas personalidades nos santos católicos, sendo sincretizados com os orixás, por exemplo: Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora da Conceição como Oxum, São Jorge como Ogum, São Sebastião ou Santo Antônio como Oxóssi, São Pedro ou São Jerônimo como Xangô, São Lázaro ou São Roque como Omolú, Santa Bárbara como Iansã, Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória como Iemanjá e Oxalá como Jesus Cristo ou Senhor do Bonfim (OLIVEIRA, 2007).

Através do catolicismo, a umbanda adota o uso de imagens de santos católicos, altares, cruzes, crucifixos, rezas para abrir as giras, batismo, defumações, escapulários, comemorações em dias dos santos católicos sincretizado com os orixás, rezas (COSTA, 2013). Além do sincretismo com os santos católicos, nos terreiros de Umbanda é comum encontrar imagens de santos junto com imagens de entidades e orixás:

Sobre o altar ritual encontram-se dispostos imagens e objetos diretamente relacionados com as entidades, santos e orixás cultuados na casa. O altar é dividido basicamente em três níveis. No primeiro nível, mais elevado e centralizado, sobre uma plataforma suspensa encontra-se o “assentamento” de Oxalá/Jesus Cristo, onde se destaca uma imagem de Jesus Cristo de braços abertos em cuja base encontra-se uma vela branca de sete dias, mantida sempre acesa, e duas pequenas imagens: o Divino Pai Eterno e a pomba branca do Espírito Santo, ambas ladeadas por cristais brancos. O segundo nível do altar é de longe o que contém a maior e mais diversificada quantidade de elementos, sendo o local de “assentamento” das imagens e objetos rituais de todos os demais orixás, santos e entidades espirituais da casa. Da direita para a esquerda (partindo-se da extremidade adjacente ao atabaque) a primeira imagem a ser encontrada é a de Nossa Senhora Aparecida, padroeira

do Brasil, com seu tradicional manto azul. Gérson explicou-me que Nossa Senhora Aparecida é cultuada no terreiro em sincretismo com Oxum, orixá das águas doces, rios e cachoeiras. Ao explicar-me as origens do sincretismo, remontando tal fato ao período da escravidão em que os negros precisavam ocultar seus reais deuses em nome de referências religiosas palatáveis aos seus senhores, Gérson indiretamente estabelece a associação, facilmente constatada nos pontos cantados, entre Nossa Senhora Aparecida e os pretos-velhos. Tal proximidade é evidente também na disposição das imagens no altar, já que em frente à imagem de Nossa Senhora Aparecida – ladeada por imagens de Santa Luzia, Santa Bárbara (sincretizada com Iansã) e São Cosme e Damião– se encontra o “assentamento” dos pretos-velhos. (DIAS, 2011, p.164-165)

Segundo Livia Lima Rezende (2016, p.113) sobre os pretos-velhos, é possível observar “os diversos elementos católicos presentes nos gestos, na fala, na vestimenta e nos altares dedicados a eles.”, ela inclui:

É possível perceber, após uma rápida observação, os consulentes tomarem a benção ao se aproximarem ou se despedirem Dos pretos-velhos; o fato de essas entidades terem o costume de levar um rosário no pescoço ou ao redor do pulso; o envolvimento de rezas e orações católicas em grande parte das sugestões passadas por eles (Pai Nosso, Ave Maria, dentre outras); a presença de imagens de santos católicos (com destaque para Nossa Senhora do Rosário) e de crucifixos nos altares dos pretos-velhos nos terreiros. (REZENDE, 2016, p.113-114)

Conforme Bastide (1971, p.385 apud OLIVEIRA, J. 2007, p.36) “O sincretismo acontece a partir do aumento, desenvolvimento e intensificação das práticas mágicas dos ameríndios e dos africanos pela utilização de processos católicos dentro de um contexto inteiramente novo.” Esses ritos católicos passam a ser mágicos, eficaz para abrir e fechar o corpo do devoto e o padre se torna um feiticeiro que consegue preservar a superioridade dos brancos em relação aos colonizados e a Umbanda utiliza-se disso também nas giras, quando as entidades fazem o trabalho de limpeza.

4. SINCRETISMO DA UMBANDA COM O CANDOMBLÉ E COM AS TRADIÇÕES INDÍGENAS

4.1 CANDOMBLÉ

O Candomblé é uma religião de matriz africana, afro-brasileira e assim como a Umbanda, nasce no Brasil, ele tem várias vertentes chamadas de nações, sendo a mais popular a chamada de nação queto. Nessa religião se cultua os orixás, seres primordiais, que têm a tarefa dada por Olorum/Olodumare (Orixá supremo), de reger vários aspectos do mundo, eles são as forças naturais personificadas. As principais divindades são: Oxalá, Iemanjá, Oxum, Oxossi, Ogum, Exu, Nanã, Iansã, Obaluaê, Ossaim, Oxumaré, Xangô e Logunedé, mas elas podem variar de acordo com as nações. Embora tenha nascido no Brasil, ela é constituída a partir de tradições religiosas africanas trazidas pelos escravizados, por conta de todos os africanos que chegaram no Brasil, terem que adotar o catolicismo como religião, assim o catolicismo sofre um sincretismo com o candomblé, de forma que esses africanos escravizados fingem que suas festas eram para os santos católicos, enquanto que na verdade eles estavam festejando para os orixás, ou seja, o sincretismo que acontece no candomblé ocorre em forma de resistência. Os rituais acontecem nos terreiros e são conduzidos pelo pai ou mãe-de-santo e também é onde os filhos-de-santo incorporam os orixás.

Para Berkenbrock (2009) é necessário saber a cosmogonia do Candomblé para falar sobre a vivência religiosa nele:

Para esta religião, a existência subsiste a duas maneiras: à maneira palpável e finita (chamada de Aiyê) e à maneira não palpável e infinita (chamada de Orum). Toda a existência é, pois, Orum ou Aiyê (ou em parte as duas coisas). Assim, por exemplo, os seres humanos, com toda a sua corporeidade, pertencem ao nível do Aiyê. (A inteligência do ser humano, porém pertence ao Orum, bem como a filiação de cada ser humano de um Orixá). Dizem os mitos criacionais que, no início, estas duas maneiras eram unidas, podendo haver livre trânsito entre elas. A quebra de um tabu fez com que houvesse a divisão, de forma a separar Orum e Aiyê. A existência, porém, é a soma dos dois. Assim, a boa existência, a harmonia, a felicidade, a saúde, enfim, a realização consistem sempre no equilíbrio entre Orum e Aiyê.

Na concepção do Candomblé, praticamente todas as atividades religiosas têm por finalidade última justamente a busca da harmonia, da unidade entre os dois níveis da existência. Dentro deste contexto é que ocorre a experiência religiosa central do Candomblé: o momento do transe. Nele, assim entende esta religião, acontece por um instante, uma unidade entre Orum e Aiyê. Por conseguinte, a experiência do transe é entendida como a experiência da unicidade dos mundos, da harmonia buscada, da recomposição da unidade primordial perdida. No transe, a verdade se torna realidade, ou vice-versa. Por isso, no Candomblé, o transe é sempre um momento solene, festivo, alegre, de dança. (BERKENBROCK, 2009)

O Candomblé chega ao Brasil no período escravocrata, através dos africanos. Os adeptos fizeram o uso do sincretismo como forma de resistência, para que eles não perdessem suas tradições e crenças, “Antes de serem embarcados nos navios negreiros, ainda na África, os escravos eram batizados e introduzidos nas práticas rituais da Igreja católica. Quando não, a inclusão compulsória no catolicismo fazia-se no desembarque.” (PRANDI, 2012, p.13)

Segundo Prandi (1998, p.156-157), a umbanda recebe do candomblé a concepção de que deve aproveitar ao máximo todas as experiências nesse mundo, que o alcance da felicidade na terra é a realização do homem, e desse modo, ela se opõe ao conceito kardecista de evolução cármica. Através do ritual de oferenda, para que se consiga o favor dos deuses, ela valida a possibilidade de modificar o mundo através de interesses e vontades individuais, que é necessário cada indivíduo encontrar a sua realização plena, já que esse mundo tem a individualidade, criatividade e imaginação como principais. “Desde sua formação, a umbanda procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava.” (PRANDI, 1998, p.152). Para ele:

“Manteve-se o rito cantado e dançado dos candomblés, bem como um panteão simplificado de orixás(...). Entretanto, o centro do culto no seu dia-a-dia estará ocupado pelos guias, caboclos, pretos velhos e mesmo os "maléficos" e interesseiros exus masculinos e femininos, as pombagiras, já cultuados em antigos candomblés baianos e fluminenses.” (PRANDI, 1996a apud PRANDI, 1998, p.156)

Os orixás da Umbanda são baseados nos do Candomblé, porém há certas diferenças entre eles em relação ao panteão, por exemplo, enquanto no Candomblé, Exu é um orixá vinculado a transformação e comunicação, considerado mensageiro entre os orixás e também entre os orixás e humanos, na Umbanda ele não é considerado um orixá e é transformado nos exus, as entidades que são incorporadas pelos médiuns (VIEIRA FILHO, 2006, p.40) e os orixás não são incorporados nos terreiros de Umbanda, mas nos de Candomblé são. Apesar de existir incorporação mediúnica nas duas religiões, no Candomblé as consultas são realizadas mediante o jogo de búzios, enquanto que na Umbanda, ela ocorre através da incorporação das entidades (SARACENI, 2014, p.21).

4.2. TRADIÇÕES INDÍGENAS

Os indígenas são formados por diversos povos e cada um tem sua crença, seus costumes e tradições, com certas semelhanças entre si. Por conta das poucas informações que se tem sobre os indígenas do passado, não é possível saber como era suas religiões, mas contrapondo as escassas informações com as que se tem da religião dos indígenas hoje, pode se ter uma ideia (SILVA, 2005). Segundo Silva (2005, p. 24) as tradições indígenas tem como seu epicentro o “culto à natureza deificada”:

O pajé e o feiticeiro ou xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a eles competia realizar rituais de cura de doenças, expulsar maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos. A ingestão de alimentos e bebidas fermentadas em muitos grupos tinha uma função ritual. Mesmo a antropofagia que caracterizou os tupinambás se revestia de um tom sagrado. Acreditavam que, comendo a carne dos seus inimigos, apoderavam-se de sua valentia e coragem. O uso de instrumentos mágicos, chocalhos (maracás) e adornos feitos com penas de aves, era indispensável para o cerimonial do pajé. A fumaça derivada da queima do fumo também assumia um papel ritualístico importante. Para catequizar os índios,

os missionários combatiam seus hábitos e crenças considerados mais hediondos e pecaminosos, como a antropofagia, a magia e apoligamia. Contudo, para que os índios melhor assimilassem a espiritualidade cristã, os missionários deixavam que os nativos adaptassem ao catolicismo outras características de sua religião consideradas não ofensivas à fé de Cristo. O consumo ritual de alimentos, característica da religião indígena, foi, por exemplo, revestido pelos padres de um sentido cristão. A farinha de mandioca abençoada pelos padres nos domingos após as missas, à falta de pão de trigo, era comida pelos índios com muita devoção (cf. Azevedo, 1976, p. 378). (SILVA, 2005, p.24-25)

Os indígenas brasileiros são politeístas, eles cultuam diversas divindades, como por exemplo: Tupã; Jaci; Guaraci; Ceuci; Anhangá; Sumé; Akuanduba; Yorixiriamori; Yebá Bêló; Wanadi; entre outros. Também não há a presença de livros ou textos sagrados.

Conforme Borges; Divino; Betarello (2015, p.68) “As práticas dos nossos indígenas exprimem o seu modo de ver o mundo, de fabricar instrumentos e de cultivar a terra.” Eles creem que os humanos teriam alma/espírito, e depois da morte, iriam para o guajupuí, onde encontrariam seus ancestrais que já passaram e que viviam com fartura e felicidade. Conforme os autores supracitados:

Na tradição cultural do indígena, estas orações e cultos são realizados de forma coletiva, por meio das danças típicas, cantos, estes são atos e ritos de cunho religioso. Por essas razões, os rituais indígenas são sempre de forma festiva, nos quais tudo é celebrado, tudo é agradecido. Quando não há festividade na aldeia, na tribo existe algo errado, como falta de um líder, estão passando necessidades ou até mesmo está desestruturada a tribo ou aldeia. (BORGES; DIVINO; BETARELLO, 2015, p.74)

As tradições indígenas também tem elementos religiosos assimilados pela Umbanda, elas são revividas “pelos umbandistas como um elo de ligação direta com os povos do Brasil nativo e sua espiritualidade, cuja importância pode ser percebida na religião pela manifestação dos caboclos” (OLIVEIRA, 2007, p.28). Os caboclos, são entidades da Umbanda de espíritos dos indígenas que já faleceram:

Representam os índios que habitavam o Brasil antes da ocupação portuguesa. Seu comportamento é típico da voga romântica: corajosos, arrogantes e profundamente apegados à sua liberdade. Sua indumentária, porém, parece uma adaptação extravagante daquela utilizada pelos indígenas norte-americanos: grandes e espalhafatosos cocares multicoloridos. Em seus trabalhos estão presentes sentimentos associados à determinação, vontade de realização e severidade. Giras de caboclos são agitadas e tensas: trata-se de uma entidade muito evoluída espiritualmente mas que, por outro lado, não tem muito tato para lidar com as pessoas. Quando precisam dizer algo aos seus consulentes – por pior que seja –, não se inibem: como me disse Rosa, médium da tenda de Pai Jorge, os caboclos podem até não falar palavrões, mas constroem as pessoas com suas palavras francas e duras. (OLIVEIRA, 2007, p.36-37)

De acordo com Hulda Costa (2013) a Umbanda utiliza elementos das tradições indígenas conservando-os “ como o uso de instrumentos musicais, os cocares, o arco e a flecha, a utilização do tabaco e o culto às entidades da floresta, sejam elas espíritos de índios ou de espíritos da natureza.” e também:

“[...] pelo uso de fumo ou tabaco para que se obtivesse a fumaça, que era amplamente utilizada nos rituais pelos pajés ou morobichabas, como eram conhecidos, com o objetivo de afugentar os maus espíritos. Essa prática de se fazer fumaça era conhecida como fumaçada. Também, pelo uso de cachimbos e charutos, flechas, lanças, maracas e cocares, a utilização de plantas medicinais com vistas a obter curas, fazer descarregos e como parte de iniciações, como a lavagem de cabeça (amaci). Ainda pelo transe, e a presença de espíritos de índios adestrados ou civilizados (os Caboclos), e de espíritos de índios selvagens.” (COSTA, 2013, p.98)

5. PANORAMA DA UMBANDA HOJE: NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

A Umbanda por ser dinâmica e aberta a transformações vem nos dias de hoje se unindo cada vez mais com diversos elementos religiosos, entre eles o esotérico, em seus terreiros. O que faz com que nasça diferentes

grandes correntes da Umbandas, tendo as principais como: a Umbanda Sagrada, chefiada por Rubens Saraceni; a Umbanda Esotérica ou iniciática, chefiada por Francisco Rivas Neto; e a Umbanda Cruzada (COSTA, 2013, p.131)

A Umbanda Sagrada é detentora da fundada por Zélio de Moraes, em 1908. Conforme Saraceni (2014, p.22) os princípios religiosos essenciais da Umbanda Sagrada são antigos e herdados de culturas de precursoras ao cristianismo, tendo a oralidade como método de transmissão. O pilar de formação dela tem as tradições indígenas, cultos afros, o catolicismo, kardecismo e “um pouco da religião oriental (budismo e hinduísmo) e também da magia, pois é uma religião magística por excelência, o que a distingue e a honra, porque dentro dos seus templos a magia negativa é combatida e anulada pelos espíritos que neles se manifestam incorporando nos seus médiuns.” (SARACENI, 2014, p.22).

Hulda Costa (2013, p.134) afirma que Saraceni “define a Umbanda Sagrada como uma religião nova, porém, depositária de antigos conhecimentos. Com isso, percebe-se uma ambiguidade com relação à origem da Umbanda, da qual ele é seguidor, ou seja, ele comunga da posição que professa a negação das matrizes africanas como origem da Umbanda.”, e acrescenta:

“Na Umbanda Sagrada é mantido o sincretismo de sua fundação com os quatro pilares que formam sua base estrutural, quais sejam, o indígena ou o xamanismo, o Espiritismo Kardecista, o africano branqueado e o catolicismo. Retoma um sincretismo contínuo e intencional, ao acrescentar o Budismo e o Hinduísmo, que teve como finalidade aproximar-se do esoterismo e das escolas iniciáticas. Isso com o objetivo de atingir um público diversificado e diferenciado, e conseqüentemente, entrar no mercado religioso de um mundo globalizado. Saraceni (2011) defende que a Umbanda Sagrada é sincrética, pois, absorveu conceitos de várias culturas religiosas, principalmente, as posturas e os preceitos cristãos.” (COSTA, 2013, p.134)

A Umbanda Esotérica é fundada por Woodrow Wilson da Matta e Silva, que é atualmente chefiada por Francisco Rivas Netos, discípulo de Da Matta e Silva. Ela é considerada esotérica pela iniciação nessa corrente possibilitar adentrar pontos ocultos da Umbanda (CARNEIRO, E; CARNEIRO, J, 2017, p. 116).

Segundo Érica Jorge Carneiro e João Luiz Carneiro (2017, p.117) “Entender a Umbanda Esotérica como uma escola afro-brasileira própria, ou seja, composta por uma doutrina (epistemologia), linha de transmissão da raiz (método) e estilo de vida próprio (ética) que não está em oposição às demais práticas umbandistas, permite evitar certos equívocos na pesquisa sobre este universo religioso.”, essa Umbanda cree e utiliza a mediunidade e “O transe mediúnico é bem ativo nos rituais, pois é o principal contato entre os consulentes e os emissários Divinos.”(CARNEIRO, E; CARNEIRO, J, 2017, p. 117). A difusão do conhecimento religioso é feito através da iniciação, o adepto é apenas aceito na religião se o mestre-raiz ou um iniciado permitido pelo mestre-raiz autorizar (CARNEIRO, E; CARNEIRO, J, 2017). Conforme os autores supracitados, a Umbanda Esotérica é uma “escola afro-brasileira com características próprias, mas em isonomia com as demais umbandas.” (CARNEIRO, E; CARNEIRO, J, 2017, p.123). Entretanto para eles, não é possível ligá-la ao movimento New Age, apesar desse movimento está presente em diversos terreiros de Umbanda, mostrando que há um adentramento de elementos esotéricos na Umbanda, mas isso não significa que esses correntes fazem parte da Umbanda Esotérica (CARNEIRO, E; CARNEIRO, J, 2017).

A Umbanda Cruzada, “é uma mistura da Umbanda Branca sincrética com elementos do Batuque, restaurando os antigos ritos da Macumba carioca e paulista.” (COSTA, 2013. p.135). Ela agrega os orixás do Batuque, os preto-velhos e caboclos da Umbanda e os exus e pombagiras, tudo na mesma tenda, sendo bastante popular no Rio Grande do Sul (COSTA, 2013, p.135)

Ainda segundo Hulda Costa (2013):

Ressaltamos que no século XXI, a Umbanda está subdividida em três segmentos principais: a Umbanda Iniciática, a Umbanda Sagrada e a Linha Cruzada. Os dois primeiros segmentos se mantêm distantes dos elementos de matrizes africanas originais, por ainda, os considerarem como elementos religiosos atrasados, conforme o foram outrora. A Linha Cruzada, diferentemente, resgata todos os elementos de matrizes africanas oriundos da Macumba, configurando com isso uma prática diferenciada em relação aos outros dois supracitados seguimentos de Umbanda. (COSTA, 2013, p.138)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a Umbanda é uma religião complexa e diversa, é considerada por muitos uma religião brasileira por excelência, misturando elementos do Candomblé, tradições indígenas, kardecismo e catolicismo, num só lugar e aberta a todos que queiram participar. O sincretismo que a forma também possibilita que ela esteja sempre em constantes transformações, tanto que atualmente existe a entrada de elementos esotéricos e de elementos de religiões asiáticas nos seus terreiros. Apesar da falta de exatidão sobre a origem dela, o mito de criação centrado na figura de Zélio de Moraes é largamente divulgado entre seus adeptos. O sincretismo com os elementos religiosos dão corpo a Umbanda, com o kardecismo contribuindo com a base doutrinária, o candomblé com o panteão dos orixás, o catolicismo com o sincretismo com os santos católicos e rezas, e as tradições indígenas com o uso das ervas e os caboclos. Por conta de ser uma religião aberta a todos, ela tem adeptos em todas as esferas sociais e não faz distinção, nem entre os vivos e nem entre os mortos.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Volney J. A experiência dos Orixás: Um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. 4. ed. [S. l.]: Editora Vozes, 2012. 472 p. ISBN 9788532620231.

BERKENBROCK, Volney. Candomblé: A unidade entre dois níveis de existência. [Entrevista concedida a] Patrícia Fachin. IUH Online, [S. l.], n. 309, 28 set. 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2833-volney-jose-berkenbrock>. Acesso em: 23 set. 2022.

BORGES, Ângela Cristina; DIVINO, Harlen Cardoso; BETARELLO, Jeferson. Cosmovisão das Religiões Kardecismo, Umbanda, Candomblé e Cosmovisões Ameríndias. Montes Claros - MG: Editora Unimontes, Agosto 2015.

CARNEIRO, Érica Jorge; CARNEIRO, João Luiz. Umbanda Esotérica não é Esoterismo na Umbanda. Revista Brasileira de História das Religiões, [s. l.], v. 10, n. 28, p. 113-124, 2 maio 2017. Disponível em: [https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36937#:~:text=Resumo,estilo%20de%20vida%20\(%C3%A9tica\)](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36937#:~:text=Resumo,estilo%20de%20vida%20(%C3%A9tica)). Acesso em: 2 nov. 2022.

COSTA, Hulda Silva Cedro Da. UMBANDA, UMA RELIGIÃO SINCRÉTICA E BRASILEIRA. Orientadora: Dra. Irene Dias de Oliveira. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Departamento de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás., Goiânia, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/758/1/HULDA%20SILVA%20CEDRO%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 8 set. 2022.

DIAS, Rafael de Nuzzi. Correntes ancestrais: os pretos-velhos do Rosário. Orientador: Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP, 2011. DOI 10.11606/D.59.2011.tde-07082011-105621. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-07082011-105621/pt-br.php>. Acesso em: 6 out. 2022.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. ENTRE A MACUMBA E O ESPIRITISMO: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo. Orientadora: Dra. Maria Conceição Pinto de Góes. 2007. Dissertação (Mestrado em História.) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=59856. Acesso em: 30 ago. 2022.

ORTIZ, Renato. A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo - SP: Editora Brasiliense, 1999.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre - RS, ano 4, p. 151-167, Junho 1998. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/g35m5TSrGjDp9HxYGjBqNGg/?lang=pt#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20das%20religi%C3%B5es%20afro,de%20cor%20ou%20origem%20racial>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PRANDI, Reginaldo. SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO, POLITEÍSMO E QUESTÕES AFINS. *Debates do NER*, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 11-28, 2012. DOI: 10.22456/1982-8136.25784. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/25784>. Acesso em: 20 out. 2022.

REZENDE, Lívia Lima. Força africana, força divina: trânsitos entre África e Brasil através da figura umbandista dos pretos-velhos. *Mosaico*, [s. l.], v. 7, n. 10, p. 97-120, 2016. DOI <https://doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64729>. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/64729>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SARACENI, Rubens. DOCTRINA E TEOLOGIA DE UMBANDA SAGRADA: A RELIGIÃO DOS MISTÉRIOS UM HINO DE AMOR À VIDA. São Paulo - SP: Madras, 2014. ISBN 978-85-370-0192-9.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis - SC: [s. n.], 2005. 138 p. Disponível em: https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf. Acesso em: 1 dez. 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira. 5. ed. São Paulo - SP: Selo Negro Edições, 2005. ISBN 978-85-87478-10-8.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Catolicismo"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/religiao/catolicismo.htm>. Acesso em: 23 set. 2022.

VIEIRA FILHO, Antônio Gracias. "Domingo na Igreja, sexta-feira no terreiro": As disputas simbólicas entre Igreja Universal do Reino de Deus e umbanda. Orientador: Dr. Vagner Gonçalves da Silva. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social.) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2007. DOI 10.11606/D.8.2007.tde-03092007-133410. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133410/pt-br.php>. Acesso em: 18 ago. 2022.